

# Golem, o Goleiro

Por *Yuri V. Santos*

Ninguém compreendia os estranhos esquemas de ataque e defesa elaborados pelo técnico Loew, professor aposentado do Departamento de Educação Física, e responsável pela equipe oficial de futebol da UnB. Além de comunicar-se através dum português engrolado, costumava ainda utilizar-se de termos demasiado herméticos para que seus jogadores encontrassem qualquer significado.

“Você serr yesod, Rodrrigo. Tem que darr cobertura ao centro avante.”

Apesar de o time ser composto por alunos e professores da universidade – seres pretensamente mais sábios – ninguém localizava a origem obscura de palavras tão extravagantes.

“E você serr netzah, Carlos. Eu só non saberr ainda qual sefira serr tepheret, o punim<sup>1</sup> do time.”

Os jogadores o ouviam com os olhos esbugalhados e a boca aberta. Quase babavam nessas ocasiões. Da mesma forma que não interpelavam o técnico sobre por que eram chamados de “sefira”, “sefirots”, “shnorrer”<sup>2</sup>, “shlump”<sup>3</sup> ou “umgliks”<sup>4</sup>, tampouco questionavam aqueles treinos singulares. Afinal, tinham apreço pelo velho Loew. Aquele solidéu cobrindo-lhe o cocuruto grisalho inspirava respeito. Talvez fosse padre ou coisa parecida. Que o time jamais ganhasse uma só partida, parecia assunto completamente distinto.

“Non poderr prrosequir sem descobrir o tepheret do equipe. Melhorr consultar o *Sepher Jetzira*”, murmurava antes de cancelar mais um treino.

Jorge, estudante de direito e membro da equipe de futebol, resolveu investigar a vida pregressa do técnico. Partindo de algumas evidências não muito confiáveis, acabou, mesmo assim, por confirmar suas suspeitas. Loew era uma daquelas

---

<sup>1</sup> *Punim*: mestre, senhor.

<sup>2</sup> *Shnorrer*: idiota, imbecil.

<sup>3</sup> *Shlump*: miserável.

<sup>4</sup> *Umgliks*: desgraçados.

figuras que a gente sempre vê no cinema e na TV, mas às quais não atribuímos existência real. O professor – pasmem – era um judeu legítimo! Isso mesmo, um judeu. E mais: era tão judeu que ainda era rabino. Jorge, no treino seguinte, teve que se controlar para não pedir um autógrafo. Imagine, pensava, um judeu de verdade... E em Brasília! Quem diria...

No dia seguinte, conversando com os colegas de time, pôde reunir mais informações. Descobriu, então, que o professor Loew imigrara de Praga – na atual República Tcheca – havia já muitos anos, e que pertencia à comunidade judaica de Brasília. Alguém acrescentou ainda o detalhe de que o técnico era um grande estudioso da Cabala.

“Meu Deus, ele é macumbeiro!”, exclamou um professor de Letras, evangélico de carteirinha e membro da Igreja Mundial S/A.

Decidiram pesquisar aquele estranho fato e, por fim – após averiguar a inocência de tão exótico hobby – deram-se por satisfeitos. Mas ainda havia um problema: aquele misticismo hebreu – ou metafísica judaica, pouco importava o termo – estava turvando a visão estratégica do professor Loew. Era evidente que a equivalência entre o número de elementos da árvore cabalística – os sefirots – e o número de jogadores de um time de futebol – algo por si só passível de contestação – não passava de pura coincidência. Será que ele não percebia que todo aquele sistema de crenças apenas o impedia de desenvolver um time de verdade?

“Ele vai é a cabala com nossa seleção!”, ironizou alguém.

O assunto estava encerrado. No dia seguinte escolheriam um novo técnico e, após agradecer ao professor Loew por sua dedicação, lhe dariam o bilhete azul. Aquilo não era anti-semitismo, nem tampouco uma arbitrariedade. Era apenas uma necessidade de justiça e de vitórias no gramado.

No treino seguinte, porém, depararam com um professor Loew tão exultante e tão alheio à nossa língua que não conseguiram lhe transmitir qualquer veredicto. Tentavam falar-lhe mas ele – não se sabe se propositadamente – esquivava-se às interpelações, tartamudeando qualquer coisa na sua língua materna. Quando finalmente se deram por

vencidos, os jogadores passaram a ouvir suas excitadas deliberações. Estavam resignados a isso. Loew, então, afirmou ter desvendado quem seria o tephret – o coração e alma do time:

“O arqueirro! O arqueirro!”, repetia.

“Quem?!”, perguntou Jorge.

“Ele tá falando do goleiro”, sussurrou alguém.

Logo surgiram suspiros de todos os lados. Alguns conformados, outros de pura irritação. Ninguém estava afim de novamente enfrentar aquele delírio hermético do rabino. Era preciso tomar uma providência.

“Mas, professor, ninguém aqui é bom no gol”, começou Jorge. “Todo mundo sabe que isso é um baita problema. Mas, e daí? Não adianta benzer um camarada e botar ele lá...”

Loew estava maníaco:

“Eu ya encontrar arqueirro bom, meu sefira, um muito bom, um shoy<sup>5</sup>. Eu mostrar parra vocês”, e foi até a arquibancada de onde trouxe um rapaz caboclo, cor de terracota, bastante alto e forte. Era realmente um muro, mas tinha os olhos vidrados e uma postura tão rígida que, a princípio, pensou-se que era cego. Assim que tal suspeita tornou-se generalizada, os demais jogadores olharam-se em meio a um mudo constrangimento. Agora o técnico estava doido de vez. Um goleiro cego, vê se pode.

“Todos os sefirots parra o grramado! Horra do trreino!”, berrou Loew.

Aquele seria o último treino, decidiram em silêncio. Depois de golearem aquele zumbi de chuteiras, nunca mais poriam o pé naquela cancha. Nem mesmo dariam satisfações. Técnico mais maluco aquele...

“Hmm...”, suspiravam.

Todavia, para espanto geral, vivente algum conseguiu marcar sequer um gol naquela parede humana. Nem de pênalti. O novo goleiro não deixou escapar bola alguma. Foi realmente fantástico. Após o treino, todos correram para cumprimentá-lo.

“Demais, cara!”

---

<sup>5</sup> *Shoy*: brilhante.

“Nunca vi isso antes! Domingo que vem, o time da UNICAMP vai dançar na nossa mão”, disse alguém, referindo-se ao campeonato Taça Universitária.

“Como é que você se chama mesmo?”, indagou outro.

O goleiro permanecia rígido, com uma cara de poucos amigos.

“Golem”, interveio o técnico. “E non adiantar conversarrem com ele. Ele serr mudo.”

Todos se entreolharam desconfiados. Coisa mais esquisita. Pensaram que o rapaz fosse cego mas era mudo. E ele ainda tinha uma marca curiosa na testa. Parecia um anagrama formado pela interseção de duas letras tatuadas – talvez as iniciais do nome da namorada – mas assemelhava-se mais a uma indiscreta cicatriz. Era melhor nem perguntar. Aquele sujeito, além de possuir bíceps proeminentes, parecia ser de maus bofes.

O primeiro jogo com aquele novo goleiro foi uma maravilha. A UnB ganhou de três a zero da UNICAMP. O tal do Golem foi incrível, tendo efetivado defesas memoráveis. Contudo, não parecia pertencer a uma equipe. Ficava ali, no gol, altivo como quem estivesse num trono e, aparentemente, alheio ao resto do campo. E não comemorava quando seus companheiros marcavam algum gol. Não se via ao menos uma veledade de sorriso. Na verdade, ao fim da partida, pareceu não se aperceber da vitória do próprio time. Era um zumbi extremamente soturno.

A coisa andou bem nos primeiros jogos. De modo geral, ganhavam folgadoamente sem sofrer gols. Quando a performance decaía, Golem segurava as pontas. Tinham então tempo e oportunidade para se recuperar e vencer. Mas num dos últimos jogos, antes das semifinais – uma verdadeira batalha contra o time da UFRJ – Golem deu mostras de um comportamento belicoso que ameaçava o bom andamento da equipe. Até o professor Loew ficara preocupado com aquilo. Era só um jogador adversário penetrar na grande área, que o Golem quase lhe quebrava as pernas. Ele preferia defender um pênalti a permitir que alguém respirasse diante do gol. Quase foi expulso de campo. Antes que tal ocorresse, foi substituído pelo professor Loew. Afinal, o Golem acabara de atacar um de seus próprios

companheiros, o qual viera receber uma saída de bola. Assim já era demais.

“Quebra ele!!! QUEBRAAAA!!!”, berrava a torcida adversária.

No banco, Golem encarava seus companheiros tão ameaçadoramente, que estes perdiam a motivação de entrar em campo. E durante o intervalo, os titulares sentiram a mesma rapinagem psíquica por parte do invicto goleiro. Era como se aqueles olhos baços fossem imãs que lhes sugassem o ânimo e a vontade. Naquele dia, Golem não voltou ao campo. Seu time perdeu por cinco a dois.

“É tudo culpa desse boneco de vídeo-game!”, protestou Jorge, indicando o goleiro com a cabeça. “Não passa dum pervertido, dum tarado por filtros de barro...”

“Como é que é?!”, perguntou Carlos, outro dos jogadores.

Jorge contou então a cena que presenciara na noite anterior. Narrou a maneira como o Golem entrou no alojamento, trazendo nos braços – como se fosse uma mulher – um enorme filtro d’água de cerâmica. A seguir, deitou-o ao seu lado na cama e sugou-lhe as velas e a torneirinha, gemendo como um gato no cio. Isso sem falar do último ato daquele teatro erótico.

“Que viagem, Jorge! Deixa de onda...”

“Tô falando sério, galera. Esse carinha aí não bate bem das bolas não.”

O técnico, a um canto, ouvia a tudo impassível. Sua criatura tinha natureza rebelde, mas tal comportamento não passava da idiossincrasia dum jogador genial. Ele ainda tinha chances. Só precisava de tempo. E, quem sabe, duma mocinha da sua própria espécie, uma mocinha saída da lama.

Jorge, porém, por conta própria, iniciou uma investigação exaustiva da identidade daquele sujeitinho esquisito. Mas tudo o que descobria apenas liquidava com as poucas informações angariadas anteriormente. Verificou que Golem não era aluno da universidade. Provavelmente, o dado – de que ele seria estudante de economia – não passava duma tentativa do técnico de justificar o caráter truculento e bronco do goleiro. Tampouco encontrou amigos ou parentes daquele

misterioso personagem. Por fim, intrigado, Jorge entregou os pontos. Não sabia nada sobre o Golem.

Dias depois, no decorrer de um dos treinos, Jorge reuniu os companheiros com o pretexto de fazer uma foto do time. Assim, em meio às demais fotografias, conseguiu uma do rosto do Golem. Acreditava que isto seria de grande ajuda. Munido de uma lupa, analisou minuciosamente a face do goleiro, e concluiu que aquela marca, que este trazia na frente, não era senão uma tatuagem. Estimulado por sua atividade detetivesca, Jorge reuniu alguns endereços de conhecidos tatuadores brasilienses e foi-lhes no encalço.

Os primeiros três tatuadores que consultou não foram de grande ajuda. Não conheciam o indivíduo da foto, nem saberiam informar quem teria feito semelhante tatuagem. Enquanto um deles rotulou aqueles traços de “tattoo tribal”, outro chegou a questionar se aquilo realmente seria obra dum tatuador:

“Isso tá mais pra ferro de marcar gado. Um peão deve ter fritado a testa desse cara.”

Mas foi apenas em Taguatinga que Jorge encontrou quem lhe desse uma luz:

“Se são ou não tatuagens, eu não sei. Mas que são duas letras do alfabeto hebraico, disso eu tenho certeza.”

“Sério mesmo?”, indagou Jorge, incrédulo.

“Pô, véio, tattoo é cultura. Tá achando que eu sou burro?”

O tatuador, então, lhe garantiu que aquelas eram as letras *ghimel* e *lamed*, e que deveriam ter algum significado místico para o goleiro. Jorge montava mentalmente as peças daquele quebra-cabeça. Isto estava mais divertido que aquele jogo de detetives, em CD-ROM, que comprara no ano passado. Era evidente que o professor Loew estava por trás de todo aquele mistério. Era preciso interpelá-lo.

Jorge, porém, só voltou a se encontrar com o técnico minutos antes da partida semifinal. Havia sido classificados graças a dois gols feitos pelo próprio Golem. Na ocasião, a equipe perdia de dois a um para a USP, quando então o professor Loew decidiu devolver o Golem à sua posição. Como este seguia vampirizando o ânimo do próprio time, seus

companheiros não logravam virar o placar. Sentiam-se, antes, mais derrotados a cada minuto. Foi aí que o Golem – sem sair da grande área – chutou duas bolas certeiras para dentro do arco adversário, com um intervalo de poucos segundos entre um gol e outro. Comemorou, destruindo uma das traves laterais do próprio gol que defendia, com os dentes, e quebrando algumas costelas dum lateral do seu time, abraçando-o. Para espanto da torcida uenebense – as namoradas de dois dos jogadores e o filho do professor evangélico – o heróico goleiro não saiu de campo carregado pelos companheiros. Estes, aliás, olhavam-no com ódio. Teriam que continuar jogando junto àquele monstro.

“Professor, o senhor não pode mais manter essa aberração em campo”, começou Jorge. “O senhor ainda não percebeu como ele rouba a vontade da gente? Ninguém mais quer ganhar...”

O professor olhava o chão, silencioso.

“Esse cara”, prosseguiu o estudante de direito, “não é normal, eu sei disso. Aquela coisa que ele tem gravada na testa...”

Loew o olhou assustado. Será que fora descoberto?

“Sim, professor, eu sei de tudo.”

Jorge estava mentindo. Mas notara o efeito de suas palavras no rosto do técnico. Seria um bom promotor... Agora só precisava fazê-lo falar.

“Por Melquisedec! Você saberr de todo!”, suspirou Loew. E deixou-se cair num banco do vestiário. “E agorra? E agorra? Zayer klieg!<sup>6</sup>”

Jorge lhe disse que poderia confiar nele. Era só se abrir e contar os detalhes. Afinal, ele estava ali para ajudar.

“Foi assim...”, disse Loew, iniciando a narrativa. Logo, contou como construía um grande boneco de barro vermelho, tal como Adão, e de como – através de sua compreensão da Cabala – insuflara-lhe alma e um princípio mental, efetivando tal ato com a gravação das letras *ghimel* e *lamed* na frente do Golem. Ele não imaginara que sua criação pudesse rebelar-se daquela forma. Não calculara que o autômato pudesse roubar a

---

<sup>6</sup> *Zayer klieg*: safado.

energia alheia e multiplicar seu poder. Sua única intenção era dar um *tepheret* ao time. E concordou que deveriam devolvê-lo ao nada. Para isso teriam tão somente que apagar aquelas duas letras. Assim, o pó retornaria ao pó.

Momentos depois, os jogadores, ainda no vestiário, iniciavam o aquecimento. Havia grande movimentação, algum nervosismo. Aquele jogo seria decisivo, se vencessem estariam na final. A um canto, o Golem – extremamente tranquilo e alheio – olhava-se num espelho. Após ver-se no caderno de esportes do *Correio Brasiliense*, alguns dias antes, aquela atividade tornara-se sua nova obsessão. Apreciar a própria imagem parecia torná-lo ainda mais forte. E, claro, era preciso cuidar bem dessa imagem. Por isso tinha aquele creme hidratante na mão. Logo adiante, o professor Loew dava suas últimas instruções e, no entanto, ninguém o tomava em conta – afinal, tinham um super-homem como goleiro. Para eles, pouco importava todo aquele falatório. Mesmo se quisessem, tinham pouco a fazer. No fundo, apenas isto: não se aproximar do próprio goleiro em hipótese alguma. O técnico, por sua vez, tampouco prestava atenção ao que dizia. Sua mente era presa de uma única idéia: levar a cabo o plano de Jorge.

Foi o que fizeram. Quando os jogadores já se dirigiam ao campo, o professor pediu para que Golem e Jorge o aguardassem bem ali que ele já regressaria. Tinha algumas instruções especiais para ambos. Os dois jogadores, então, sentaram-se lado a lado, esperando a ladainha do velho.

“Você sabia que tem uns olheiros do Barcelona aqui?”, incitou Jorge.

Golem, que – como já disse – era mudo, moveu negativamente a cabeça.

“Eu ouvi dizer que eles vieram te ver...”, prosseguiu Jorge.

Os olhos do Golem brilharam. Seria verdade? Jorge, por seu turno, sabia exatamente em qual ferida meter o dedo.

“Vão tirar muitas fotos. E até filmar.”

O Golem, mirando-se no espelho, voltou a ajeitar os cabelos.

“Putz, cara”, exclamou Jorge. “Você tá com uma espinha enorme na testa”, e lhe indicou com o dedo a suposta

erupção. O técnico, oculto atrás da porta, ouvia tudo atentamente. O goleiro, visivelmente contrafeito, agitou-se tanto que Jorge – e até mesmo o professor Loew, ali perto – viram-se repentinamente mais fracos. O Golem seguia vampirizando-os.

“Se você quiser, eu posso espremer pra você. Vai ficar uma beleza...”

Pela primeira vez, Jorge viu um esboço de sorriso no rosto do goleiro. Este, pois, inclinou-se na sua direção, oferecendo-lhe a frente. Sem pensar duas vezes, Jorge, com o polegar da mão direita, borrou aquelas mágicas letras que davam vida ao monstro de barro. O Golem transformou-se instantaneamente numa estátua de terracota.

“Me ajuda, professor! Rápido!”, fez Jorge.

O técnico aproximou-se um tanto atordoado. A visão do autômato sem vida era uma pontada no coração. Que dolorido ver um filho morto... Nebbish<sup>7</sup>... Esforçou-se para não derramar lágrimas diante de Jorge. Era preciso manter a compostura.

“Anda, professor.”

Enrolaram o goleiro numa lona plástica e o esconderam no armário de Jorge. Depois do jogo o colocariam no portamalas do carro que alugaram, e o levariam para um lugar seguro.

Quando os demais jogadores viram o goleiro reserva entrar em campo, ficaram um tanto confusos. Jorge contou-lhes que o Golem fora suspenso e que provavelmente abandonaria a equipe. O receio inicial foi dando lugar a uma crescente confiança. Agora eles poderiam ser realmente um time. A debilidade ou a força que experimentariam não dependeria de um único indivíduo. Aquele estado de coisas foi tão positivo que lograram vencer a equipe oponente por três a um. Foram classificados para a final.

“Muito bom, meus sefirots, muito bom”, repetia o técnico, pusilânime.

No fim daquele dia, receberam uma notícia desagradável. O time da UFRJ – o mais terrível adversário que haviam enfrentado – ganhara a outra partida semifinal e também disputariam a Taça Universitária. É certo que quando

---

<sup>7</sup> *Nebbish*: coitado.

as duas equipes se enfrentaram anteriormente – e a UnB perdeu por cinco a dois – o Golem havia botado o jogo a perder. Quando fora substituído, levava para o banco de reservas toda a energia dos companheiros. Mas agora seria diferente. Eles estavam longe do monstro e novamente unidos.

“Vai ser mole, galera”, insistia Jorge.

Já o professor Loew mantinha-se calado. Desistira de encontrar o tephoret do time. *Vay’z mir*<sup>8</sup>, dizia para si mesmo.

Passada uma semana, chegara o grande dia. Os jogadores da UnB estavam confiantes, fizeram bons treinos e o novo goleiro titular havia melhorado bastante. Aquele tal do Golem era coisa do passado. Ninguém mais pensava nele. Este, por sinal, fora reduzido a pó por Jorge, o qual, a seguir, devolveu a terra vermelha ao rabino Loew, fazendo-o jurar que não repetiria tão absurdo ato criador. O técnico concordou humildemente. Jorge deliciava-se: não seria um promotor, senão um grande desembargador.

Infelizmente, logo no começo do primeiro tempo da partida final, a equipe da UnB viu-se em sérios apuros. E o que é pior: dentro da própria casa, afinal, o jogo acontecia no estádio Mané Garrincha, no Plano. Logo de saída sofreram dois gols seguidos. O técnico apenas observava resignado e calado. Aonde é que ele havia errado? Os jogadores da UnB passavam gradativamente do nervosismo ao desespero. Ao final do primeiro tempo, perdiam por quatro a zero. Sentiam-se humilhados, cuspidos e ofendidos. O que fazer?

“Se o Golem estivesse aqui...”, lembrava um.

“Ah! Se eu não estivesse aqui...”, lamentava-se outro.

Jorge observava o declínio moral dos companheiros. Aquilo era muito triste. Qual seria a atitude mais ética naquela situação? Não sabia. Decidiu, portanto, obedecer a um impulso.

“Professor”, começou, aproximando-se de Loew. “A gente precisa trazer o Golem de volta!”

O técnico olhou-o, com pesar:

“Mas eu non terr tempo parra fazer boneco agorra. Tarrde demais.”

Mas o estudante estava decidido:

---

<sup>8</sup> *Vay’z mir*: não tô gostando nada disso.

“Vem cá, professor”, e Jorge levou-o até seu carro. Uma vez lá, abriu o porta-malas e, para espanto do técnico, ali estava o Golem, inteirinho.

“Mas... que significa isso?!” exclamou Loew.

Jorge explicou-lhe que havia guardado o autômato, prevendo uma situação como aquela.

“Mas você me deu o terra vermelha!”

“Era falsa.”

“Mas...”

“Professor, reanima logo esse cara, vai. Depois do jogo a gente apaga ele. É fácil. A gente só tem a ganhar. É a única alternativa.”

“Mas ele non serr tepheret, ele non darr beleza ao time.”

Jorge sentiu-se injuriado:

“Mas afinal o senhor quer ganhar ou quer jogo bonito?! Sem essa de futebol arte! Isso é papo furado...”

O professor Loew finalmente assentiu, mas fez Jorge prometer que realmente reduziriam o Golem a pó após o jogo. Mas fariam isto juntos. Jorge concordou e, em seguida, prendeu grande atenção às palavras e gestos que o rabino empregava para dar vida ao boneco. Depois ele poderia imitá-lo. Sim, não seria apenas um grande promotor ou juiz, mas senador da república. Como seu pai. Teria um exército de autômatos. E também teria conta na Suíça. Abriria contas fantasmas para seus Golens, aqui mesmo no Brasil, e lavaria todo o dinheiro que quisesse. Seu futuro estava garantido. Mas... seria ético tudo isso? Não sabia.

No princípio do segundo tempo, os jogadores da UnB – com os sentimentos a meio caminho entre o alívio e a preocupação – testemunharam o regresso do Golem ao time. Este mostrava-se mais imponente que nunca, os olhos vidrados e terríveis. A equipe da UFRJ, ignorando a desgraça próxima, estava tranqüila, afinal o jogo parecia ganho. Quando a bola chegou às mãos do goleiro da UnB, começou o terror. Dali mesmo, com um forte chute, fez o primeiro gol do outro lado do campo. Ninguém parecia acreditar nos próprios olhos. Principalmente o goleiro adversário, sentado lá no fundo do seu gol, levado pela bola. Mas aquilo não foi nada perto do que viria depois. O Golem quebrou as pernas de três atacantes da UFRJ,

e detalhe: tão violenta e, ao mesmo tempo, discretamente que o árbitro não viu. Apesar dos protestos vindos do banco carioca, passou batido. A essa altura, a UnB já havia empatado. Dois gols foram do próprio Golem. Seus companheiros, que espertamente evitaram aproximar-se do goleiro, mantiveram-se com energia suficiente para completar a vitória de seis a quatro e, ainda, para comemorar.

“Por Melquisedec!”, repetia o professor Loew, em hebraico.

Após toda a festa em campo, com a entrega da Taça Universitária e tudo mais, Jorge e o rabino ocultaram-se no vestiário. Depois que os demais jogadores saíssem, eles tornariam a ludibriar a vaidade do Golem e o devolveriam ao nada. Contudo, para surpresa de ambos, mesmo depois da saída do time inteiro, não viram sinal algum do goleiro. Onde o desgraçado haveria se metido? Procuraram-no por todas as partes durante uma semana. Não encontravam uma pista sequer do paradeiro da criatura. Por fim, desistiram. O técnico ficou tão pesaroso que adoeceu gravemente. Jorge tentava sentir-se culpado pelo ocorrido, mas não conseguia. A vida tinha dessas coisas. Mas quando, através dum jornal, finalmente descobriu onde o Golem havia se metido, correu para informar o pobre professor Loew.

“Professor, o senhor não vai acreditar. O Golem tá jogando no Barcelona. É, isso mesmo, no Bar-ce-lo-na. O filho da mãe... Nem pra dar notícias. E o jornal diz que ele assinou um contrato de cinco milhões de dólares. Uma grana altíssima prum goleiro.”

O técnico, estirado na cama, parecia sorrir. Sua última alegria, antes de falecer dias depois, desabrochou quando viu na TV uma reportagem sobre o novo “Rei de Barcelona”. Seu filho de barro – finalmente o *tepheret* de um time, o *kronkeh bubbeh*<sup>9</sup> – estava lá, na sua casa imensa, cercado por filtros de cerâmica de todos os tamanhos. A própria casa que construía na capital catalã assemelhava-se a um grande filtro. Era um pastiche de Gaudí e Filtros Steffani. Jorge, por sua vez, não viu seu futuro ruir. Na verdade, tornou-se muito mais arguto após

---

<sup>9</sup> *Kronkeh bubbeh*: carinha rabudo, sujeitinho sortudo.

essa experiência. Aprendeu a não confiar em ninguém e a não menosprezar a aparente estupidez alheia. Qualquer um, por mais que parecesse um zumbi, podia lhe passar a perna a qualquer instante. Conseguiu, pois, com incrível habilidade, driblar todas as CPIs que, anos mais tarde, ao tornar-se senador, tentaram incriminá-lo. E de forma alguma guardava rancor em relação ao antigo companheiro de time. Afinal, eram da mesma espécie. Viviam da capacidade de minar as forças alheias. Um psiquicamente, o outro econômica e politicamente.

(Extraído de A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau.)

### ***Sobre o autor:***

**Yuri V. Santos**, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. ("Até hoje ela tem a cicatriz", ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já

era de feto - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu - , tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Nelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena,

freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

**Para contatos:** [yurivs@uol.com.br](mailto:yurivs@uol.com.br)

(sites do autor: [www.casadosol.cjb.net](http://www.casadosol.cjb.net) e [www.angelfire.com/ri/melhor](http://www.angelfire.com/ri/melhor) )